



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**  
**PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**INGRIDY ARAGÃO ALVES**  
**SARAH RAQUEL MARTINS DE ALMEIDA**  
**THAÍS FURTADO VAZ**

**AS CONDIÇÕES DE TRABALHO EM NARRATIVAS DE**  
**PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS: REFLETINDO SOBRE O**  
**BEM-ESTAR E AS INFLUÊNCIAS NO FAZER PEDAGÓGICO**

**MACAPÁ**  
**2025**

INGRIDY ARAGÃO ALVES  
SARAH RAQUEL MARTINS DE ALMEIDA  
THAÍS FURTADO VAZ

**AS CONDIÇÕES DE TRABALHO EM NARRATIVAS DE  
PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS: REFLETINDO SOBRE O  
BEM-ESTAR E AS INFLUÊNCIAS NO FAZER PEDAGÓGICO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) - Campus Marco Zero da, como parte do requisito para a obtenção de título de Graduação em Pedagogia.

Orientadora Profa. Dra.: Diana Regina dos Santos Alves.

MACAPÁ  
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP  
Elaborado por Cristina Fernandes – CRB-2 / 1569

---

A447a Almeida, Sarah Raquel Martins de.

As condições de trabalho em narrativas de professores dos anos iniciais: refletindo sobre o bem-estar e as influências no fazer pedagógico / Ingridy Aragão Alves, Sarah Raquel Martins de Almeida, Thais Furtado Vaz. - Macapá, 2025.

1 recurso eletrônico.

41 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Pedagogia Macapá, 2025.

Orientadora: Diana Regina dos Santos Alves.

Coorientador: .

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Bem-estar docente. 2. Mal-estar docente. 3. Educação. I. Alves, Diana Regina dos Santos, orientadora. II. Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 23. ed. – 370.71

---

ALMEIDA, Sarah Raquel Martins de; ALVES, Ingridy Aragão; VAZ, Thais Furtado. **As condições de trabalho em narrativas de professores dos anos iniciais**: refletindo sobre o bem-estar e as influências no fazer pedagógico. Orientadora: Diana Regina dos Santos Alves. 2025. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Pedagogia. Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2025.

INGRIDY ARAGÃO ALVES  
SARAH RAQUEL MARTINS DE ALMEIDA  
THAÍS FURTADO VAZ

**AS CONDIÇÕES DE TRABALHO EM NARRATIVAS DE  
PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS: REFLETINDO SOBRE O  
BEM-ESTAR E AS INFLUÊNCIAS NO FAZER PEDAGÓGICO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) - *Campus* Marco Zero da, como parte do requisito para a obtenção de título de Graduação em Pedagogia.

Data de apresentação: \_\_\_\_ de abril de 2025, às \_\_\_\_\_ horas.

Banca Examinadora:

---

Diana Regina dos Santos Alves  
UNIFAP - Orientadora

---

Washington Luiz de Oliveira Brandão  
UNIFAP - Membro

---

Sirliane da Costa Viana  
UNIFAP - Membro

## **AGRADECIMENTOS**

Dedico este trabalho aos pilares da minha vida, aqueles que estiveram ao meu lado em cada etapa da minha jornada acadêmica, oferecendo amor, apoio e incentivo incondicional.

A Deus, minha gratidão infinita por me fortalecer diante dos desafios e me guiar com Sua luz ao longo deste caminho, sem Sua presença, esta conquista não teria sido possível.

Aos meus pais, Elane Aragão e Emerson Alves, minha eterna gratidão, sem vocês eu jamais teria chegado até aqui, obrigada por cada renúncia, cada esforço silencioso e cada conselho valioso. Vocês dedicaram anos de suas vidas para me proporcionar o melhor, caminharam sob o sol para que eu pudesse seguir pela sombra. Suas histórias de superação e determinação moldaram meu caráter, ensinando-me sobre resiliência, dedicação e amor incondicional. Tudo o que conquistei carrega um pouco de vocês, e este trabalho é, acima de tudo, um reflexo da educação e dos valores que me transmitiram.

Ao meu amor, Sérgio Sudário, que esteve ao meu lado em todos os momentos desta caminhada. Nos instantes de alegria, celebrou comigo como ninguém; nos momentos difíceis, compartilhou minha dor e me fortaleceu. Obrigada por cada palavra de incentivo, por ser meu porto seguro e, sobretudo, pelo alívio cômico que tornou essa trajetória mais leve e especial.

À minha orientadora, Diana Regina Alves, obrigada pela paciência, dedicação e pelas valiosas orientações ao longo deste trabalho. Seu conhecimento e apoio foram fundamentais para que esta pesquisa se tornasse realidade. Obrigada por acreditar no meu potencial e por me guiar com tanta sabedoria.

Aos meus familiares e amigos, que de alguma forma estiveram presentes, seja com palavras de apoio, gestos de carinho ou simplesmente acreditando em mim, minha sincera gratidão.

Ingridy Aragão Alves

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me guiou e fortaleceu em cada etapa desta jornada. À minha mãe, Leila Farias Martins, minha maior inspiração dentro da Pedagogia, por todo amor, esforço e dedicação para que eu pudesse chegar até aqui, seu apoio incondicional e sua luta diária sempre foram o meu maior exemplo. Ao meu padrasto, João Alacy Trindade, que, desde que entrou na minha vida, fez de tudo por mim e esteve presente em todos os momentos, oferecendo amor e suporte insubstituíveis.

À minha avó materna, Maria Carmosina Farias Martins (2020), que, mesmo não estando mais fisicamente presente, segue sendo minha pessoa favorita e minha maior apoiadora, seu amor e ensinamentos me acompanham todos os dias, e este momento também é por ela.

Às minhas melhores amigas, Evelin Canto, Ana Paula Lobato e Giovanna Pinho, que estiveram comigo desde os tempos de escola, e desde então se tornaram meu porto seguro. A amizade, apoio e incentivo de vocês tornaram essa jornada mais leve e memorável.

Às minhas tias, Chirlen Farias Martins e Cheila Farias Martins, que me ajudaram imensamente nessa etapa e me deram todo o apoio possível, sem vocês este momento não seria o mesmo.

À minha orientadora, Diana Regina, pela paciência, dedicação e por todo o conhecimento compartilhado ao longo deste percurso, sua orientação foi essencial para a realização deste trabalho. Por fim, agradeço a todos os meus amigos e familiares, que sempre me incentivaram e apoiaram. Cada palavra de encorajamento e cada gesto de carinho fizeram a diferença na minha trajetória.

Sarah Raquel Martins de Almeida

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me guiar ao longo dessa jornada e por me permitir chegar ao fim dessa trajetória. Sua luz foi fundamental para que eu conseguisse concluir essa etapa tão importante da minha vida.

Agradeço aos bens mais preciosos, meus filhos, Nôah Gabriel Furtado Corrêa e Sophia Isabelly Miranda Corrêa, que estiveram ao meu lado desde o início desse processo, eles foram minha fonte constante de força e inspiração, sempre me lembrando da importância de seguir em frente, independentemente das dificuldades.

Aos meus pais, Silas Gomes Vaz e Elisângela de Almeida Furtado, e à minha madrastra, Edna Heilane Silva da Silva, sou eternamente grata, o apoio incondicional e o amor que sempre recebi de vocês foram fundamentais para minha persistência. Nunca faltou incentivo e compreensão nos momentos mais desafiadores.

Agradeço também a todos que me ajudaram a cuidar dos meus filhos nos momentos em que precisei me ausentar, especialmente aos meus irmãos, Tainá Furtado Vaz e Thalís Furtado Vaz, à minha avó, Maria Regina de Almeida Furtado, e ao meu companheiro, Eduardo Felype Queiroz Tavares, que sempre estiveram ao meu lado, garantindo que eu pudesse focar nos estudos e cumprir com minhas responsabilidades.

Não poderia deixar de expressar minha profunda gratidão à minha orientadora, Diana Regina Alves. Seu apoio, dedicação e orientação foram fundamentais para o sucesso deste trabalho com sua sabedoria e comprometimento. Sou imensamente grata pela sua confiança, pelo tempo e esforço que dedicou para que chegássemos até aqui.

Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho e para a concretização de mais uma grande conquista na minha vida.

Thaís Furtado Vaz

## RESUMO

Este trabalho analisa as narrativas de professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de 3 escolas públicas situadas no Amapá e Pará, apresentando o panorama das condições do trabalho docente a partir dos descritores de bem-estar e mal-estar docente. Assim, indagou-se: Como se constitui a condição de bem-estar no trabalho docente em narrativas de professores que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental? Revelou-se, no estudo, que a satisfação profissional em educar é um dos aspectos pertencentes ao bem-estar docente, somada a motivação e satisfação dos docentes no exercício de suas funções. Relações boas no trabalho, reconhecimento do trabalho e estrutura organizacional adequada se destacam. Em relação ao mal-estar docente, coletou-se o seguinte: As transformações no final do século XX, o aprofundamento do trabalho docente e a falta de aprimoramento na formação, o baixo salário, desvio e acúmulo de funções; muitos alunos em uma única sala de aula; gestão escolar e falta de estrutura. Os resultados obtidos na entrevista com os 3 professores apontam para dificuldades aprofundadas e bem-estar docente quase em sua totalidade inexistente em contexto do Ensino Fundamental. As carências apontadas pelos educadores revelam uma natureza organizacional que desvaloriza os profissionais docentes e não oferece apoio à saúde, nem estrutura escolar minimamente adequada, contribuindo para o agravamento da profissão docente e, diante disso, da oferta de uma educação de qualidade, apesar da resistência e dedicação dos professores diante dos desafios.

**Palavras-chave:** bem-estar docente; mal-estar docente; educação; ensino fundamental.

## ABSTRACT

This paper analyzes the narratives of elementary school teachers from three public schools located in Amapá and Pará, presenting an overview of the conditions of pedagogical work based on the descriptors of teacher well-being and malaise. Thus, the question was: How is the condition of well-being of pedagogical work in school constituted in the narratives of teachers who work in the elementary school? The study revealed that professional satisfaction in teaching is one of the aspects belonging to teacher well-being, together with the motivation and satisfaction of teachers in the exercise of their functions. Good relationships at work, recognition of work and adequate organizational structure stand out. Regarding teacher malaise, the following was collected: the transformations at the end of the 20th century, the deepening of teaching work and the lack of improvement in training, low salaries, deviation and accumulation of functions; too many students in a single classroom; school management and lack of structure. The results obtained in the interviews with the three teachers point to deep-seated difficulties and almost nonexistent teacher well-being in the context of Elementary Education. The shortcomings pointed out by the educators reveal an organizational nature that devalues teaching professionals and does not offer health support or minimally adequate school structure, contributing to the worsening of the teaching profession and, therefore, the provision of quality education, despite the resistance and dedication of teachers in the face of challenges.

**Keywords:** teacher well-being; teacher discomfort; education; elementary education.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	10
1.	<b>BEM-ESTAR E MAL-ESTAR DOCENTE: CONTEXTUALIZAÇÕES TEÓRICAS.....</b>	12
2.	<b>OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS PARA O TRABALHO DOCENTE.....</b>	17
3.	<b>A EMPIRIA: NARRATIVAS DE PROFESSORES SOBRE O BEM- ESTAR E TRABALHO DOCENTE.....</b>	21
3.1.	APRESENTANDO O CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	21
3.2.	ANÁLISES DAS NARRATIVAS.....	22
3.2.1.	<b>Categoria 1 emergida da análise do trabalho docente.....</b>	22
3.2.2.	<b>Categoria 2 emergida do bem-estar e mal-estar docente.....</b>	27
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	35
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	37
	<b>APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA.....</b>	39
	<b>APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	40

## INTRODUÇÃO

No âmbito da educação pública brasileira diversos são os desdobramentos referentes à dinâmica profissional dos professores em todos os níveis de ensino, tais como os estudos que, atualmente, levantam os casos de exaustão física e emocional, fomentando debates sobre saúde mental e o adoecimento de inúmeros profissionais da área. Nesse contexto, buscou-se analisar narrativas de professores a partir da perspectiva de perceber o bem-estar ou mal-estar docente no exercício do fazer pedagógico do trabalho docente, por isso indagou-se: **Como se constitui a condição de bem-estar no trabalho docente em narrativas de professores que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental?**

De modo sucessivo, este estudo tem como **objetivo geral**: Analisar narrativas de professores a partir da sua perspectiva de perceber o bem-estar ou mal-estar docente em suas condições no exercício do fazer pedagógico. Em busca de alcançar o objetivo principal deste estudo foram elaborados os seguintes **objetivos específicos**: 1) Descrever e distinguir os descritores de bem-estar e mal-estar docente segundo a literatura e 2) Analisar os elementos da prática pedagógica de professores dos Anos Iniciais que caracterizam o bem-estar na docência.

As motivações para o desenvolvimento desta pesquisa surgiram a partir de experiências vivenciadas ao longo da formação em Pedagogia. Durante os estágios e práticas pedagógicas, foi possível observar de perto a rotina dos professores e perceber sinais de sobrecarga presentes em seu dia a dia. Conversas com esses profissionais trouxeram uma inquietação: o que está acontecendo dentro da sala de aula que parece estar afetando tanto o bem-estar docente?

A partir dessas vivências, cresceu o desejo de compreender mais profundamente a realidade desses profissionais. Entender, de forma científica, os fatores que influenciam sua satisfação ou insatisfação no ambiente escolar. Mais do que buscar respostas prontas, queremos refletir sobre o que tem afetado a motivação dos professores do Ensino Fundamental e o que os move a continuar atuando, mesmo diante dos inúmeros desafios da profissão.

A investigação dessa problemática é importante por atender a demanda social, haja vista que a educação é essencial para a formação de cidadãos e, por conta disso, é de suma importância que os responsáveis em transmitir o conhecimento possuam condições favoráveis para desempenhar com excelência sua atividade de ensino. No caso em análise, o foco nas circunstâncias desafiadoras do bem-estar e mal-estar de docentes do Ensino Fundamental merece atenção por ser um aspecto que pode vir a condicionar a eficiência da educação repassada.

Salienta-se que do ponto de vista científico a compreensão da questão gera interesse da sociedade em geral, posto que demonstrará o estado de coisas vigentes para a classe dos

professores, o que impacta diretamente na educação ofertada aos alunos. A possibilidade de exposição temática pode suscitar uma ação no sentido de encontrar soluções ou, ao menos, reflexões que pensem a questão do bem-estar docente.

O trabalho está dividido em 3 partes: a **seção 1** descreve o caminho teórico do estudo, expondo as conceituações sobre bem-estar e mal-estar docente; a **seção 2** evidencia os variados desafios presentes atualmente entre os educadores; finaliza-se com a **seção 3** com a empiria das informações coletadas junto aos professores, realizando a interpretação e análise de dados e conectando com o marco teórico constituído na pesquisa.

## 1. BEM-ESTAR E MAL-ESTAR DOCENTE: CONTEXTUALIZAÇÕES TEÓRICAS

Nesta seção, serão apresentados e descritos os conceitos de bem-estar e mal-estar docente, com vistas a estabelecer com clareza as principais repercussões constituídas sobre essas noções. Dessa forma, o aporte teórico lançado exprime alguns apontamentos gerais em relação à problemática.

Jesus (2007, p. 26-27) afirma que o bem-estar docente tem a ver com motivação e realização que o professor no seu ofício, “em virtude do conjunto de competências (resiliência) e de estratégias (coping) que este desenvolve para conseguir fazer frente às exigências e dificuldades profissionais, superando-as e otimizando o seu próprio funcionamento”. Ou seja, por essa ótica o professor se sente satisfeito no desenvolvimento de sua profissão conforme é motivado e se sente realizado, alcançando êxito ao cumprir suas funções e superar dificuldades. Assim, não somente o professor, como também o aluno obtém benefício e assim a educação como um todo se beneficia.

Além disso, pontua que o mal-estar docente possui vínculo com as reverberações ocorridas no mundo político, do ponto de vista pessoal e da própria profissão, notadamente, no século XX e que trouxeram mudanças, tais como: a era da informação e a inserção de novos recursos que dividem lugar com o professor em transmitir conhecimento; a democratização de ensino que gerou mais alunos e mais professores, mas esses últimos muitos dos quais sem receber formação docente adequada e sem preferências pessoais exatas em trabalhar na educação; e, em resumo, aumento das exigências e funções dos professores, baixo recurso material para uso, salário etc (Jesus, 1998).

Isto é, as transformações ocasionadas no final do século XX e início do século XXI acabaram por gerar movimentações na sociedade que incidiram diretamente no ambiente educacional. A tecnologia e a era da informação, embora relevantes para o desenvolvimento, acabaram por interferir positiva e negativamente no trabalho docente e, se por um lado, a maior oferta de vagas foi importante para a formação dos cidadãos, esse movimento não foi acompanhado de melhores condições estruturais, por exemplo, de formação correta e eficaz de professores, dentre outras coisas.

Franco, Murgó e Filho (2022, p. 2196) em revisão de escopo realizaram estudo exploratório, com a coleta de 22 estudos, os quais utilizaram para compor argumentação sobre as implicações das condições de trabalho com o bem-estar e mal-estar. Com indicadores bem especificados, os quais causaram impacto no mal-estar nos docentes: salário recebido; a instabilidade por conta do contrato de trabalho; sobrecarga no trabalho; excesso de alunos e

comportamento errático de alunos; gestão escolar que não apoia e/ou falta de autonomia para realizar trabalho; falta de equipamentos e materiais e/ou infraestrutura inadequada; conflitos.

Sucessivamente, os indicadores associados ao bem-estar nos estudos são:

[...] relações positivas no trabalho; reconhecimento do trabalho do professor por parte da unidade educacional; cultura organizacional; plano de carreira e estabilidade; colegas professores alunos e responsáveis. Soma-se a isso, a disponibilização de gabinetes aos professores, salas de reunião, espaços de convivência, dentre outros são aspectos positivos que contribuem para manutenção do bem-estar docente (Franco; Murgio; Filho, 2022, p. 2197).

Por outro lado, Zacharias *et al.* (2011, p. 19) partem do raciocínio oferecido pela Psicologia para realizar explicação do bem-estar e mal-estar docente. Assim, os autores esclarecem que a problemática da “docência não se origina no século XXI, sendo resultante da sua própria historicidade, embebida de fatores políticos, econômicos, sociais e culturais”, no Brasil sendo atravessada pela má qualidade do ensino, o pouco investimento no Ensino Fundamental, salários menores, aumento da carga horária do professor, profissão desvalorizada, todos esses fatores acarretando desgaste da área, terminando por estabelecer uma dinâmica de mal-estar no Brasil.

Em estudo produzido por Poli, Poli e Marques (2023) sobre os fatores que podem levar ao mal-estar ou bem-estar docente, os pesquisadores entrevistaram cinco professoras da rede estadual de Santa Catarina, a partir de critérios específicos. Dentre os fatores que podem contribuir estão os relacionados a questões fora da escola e também referentes ao próprio contexto escolar.

Do ponto de vista contextual e/ou externo, ressalta-se o acolhimento na escola e de outros agentes sociais, ao ponto que internamente a resiliência é o mecanismo denominado pelos autores de coping e outras orientações. Apesar disso, apontam que “os resultados desta pesquisa nos indicam, contudo, que o trabalho docente pode ser, sim, uma fonte de realização, prazer e alegria” (Poli; Poli; Marques, 2023, p. 20).

Neste estudo com professores de Santa Catarina, apesar das dificuldades impostas e do mal-estar que tem sua origem em ambientes fora e dentro da escola, reside no fazer docente, nas interações com os alunos e nas trocas entre colegas a possibilidade de ressignificar os sentidos do trabalho.

Em seguida, Rebolo e Bueno (2014) tratam da satisfação no trabalho e estratégias que criam e conseguem alcançar a manutenção do bem-estar docente, apontando que é possível, sim, chegar à felicidade no trabalho. Assim, as:

[...] estratégias de enfrentamento mais utilizadas pelos professores participantes frente às dificuldades e conflitos vivenciados no trabalho são

prioritariamente individuais, como as negociações com os alunos, colegas e diretores bem como a reestruturação cognitiva, utilizadas, a primeira, com a finalidade de eliminar as situações causadoras de mal-estar e, as segundas, para modificar a própria conduta diante dessas situações. Mais curioso, porém, foi termos observado que alguns aspectos apontados pelos professores como insatisfatórios não tiveram ações e estratégias que visassem a modificar a situação. Esse é o caso do salário, apontado como insatisfatório pela maioria, e alguns fatores relacionados ao componente infraestrutural do trabalho. (Rebolo; Bueno, 2014, p. 330).

A particularidade em resolver dinâmicas que causam mal-estar docente com cada um dos agentes que compõem a escola são próprios no caso em análise, no entanto, a falta de mobilização efetiva e participação em grupos ativos no sentido de buscar melhores condições salariais e melhora do aspecto infraestrutural do ambiente educacional em que lecionam. Nesse sentido a:

[...] construção do bem-estar na docência está vinculada à existência de características pessoais e de condições materiais que possibilitem relações interpessoais harmônicas e de apoio mútuo. De tal forma, que conduzam à realização de um trabalho com resultados positivos e recompensas agradáveis, que tenha sentido e seja reconhecido como útil e importante no âmbito da própria profissão e da sociedade como um todo. É isto que proporciona ao professor a possibilidade de aprovar a si mesmo e aprovar a ação realizada. Essa construção está vinculada, também, às estratégias de enfrentamento utilizadas pelos docentes face aos fatores avaliados como insatisfatórios e aos conflitos e dificuldades vivenciados no dia a dia do trabalho (Rebolo; Bueno, p. 329).

A mutualidade, a coletividade, as condições estruturais são elementos que devem existir para que se alcance o bem-estar docente. A educação deve ser construída e compartilhada sempre no plural, considerando todas as questões que perpassam o bem-estar docente, tal como a resolução de conflitos postos.

Em contexto específico marcado por fragilidade em diferentes circunstâncias, Ferronato e Santos (2021) em pesquisa feita realizaram o levantamento de percepções e sentimentos de bem-estar e mal-estar dos professores em tempos de pandemia da Covid-19, época em que o ensino se deu de maneira remota. O estudo foi feito com docentes do infantil e fundamental de uma escola do Mato Grosso do Sul.

De modo geral, os efeitos da pandemia, conforme autores, foram graves para a educação em todas as frentes, mas, especificamente, o ensino remoto levou os profissionais ao “[...] adoecimento [...] dada a intensificação do trabalho causando sobrecarga física e emocional, em que as percepções dos docentes apontam para o mal-estar docente em tempos de ensino remoto durante a pandemia” (Ferronato; Santos, 2021, p. 270).

Soma-se a isso a percepção dos docentes em não conseguir realizar e/ou perceber que nem tudo estava a seu alcance (por exemplo, a falta de internet, smartphones/computadores e

participação dos pais dos alunos) ocasionou ansiedade e levou a intensificação da sobrecarga de trabalho, no entanto, mantiveram-se firmes no desenvolvimento de suas funções na nova dinâmica apresentada. Nessa ótica:

“Preocupar-se com o bem-estar docente nada mais é, do que apoiar a construção de uma Educação de qualidade para todo o país, um tema que sempre permeou o debate da Educação, mas que ganhou ainda mais importância com tantos desafios impostos pela pandemia, porém, a mudança só pode ocorrer com políticas públicas” (Feronatto; Santos, 2021, p. 283).

Nota-se com a pesquisa que os descritores de bem-estar e mal-estar são aprofundados em situações distintas, tal como o contexto sanitário promovido pelo vírus da Covid-19. O aprofundamento do mal-estar devido às novas dinâmicas do professor em ambiente de sala de aula virtual não podem somar somente enquanto estatística que escancara uma problemática, mas sim, servir como base para a justificativa muito bem sustentada da necessidade de promover políticas públicas eficazes para valorizar a profissão e, aí sim, contribuir para a percepção e sentimento dos professores sobre si mesmos e sua importância para a sociedade.

Penteado e Neto (2019), em sequência, tratam do mal-estar docente, do sofrimento e do adoecimento entre os profissionais de ensino, argumentando que as narrativas em conjunto desta classe tendem a ter vocação e socialização marcadas pela feminização. Atestam que é relevante pensar as condições adequadas como uma tríade: corpo/saúde e bem-estar.

É um trabalho que prioriza o aspecto da saúde do profissional docente da educação, destacando a forma como os professores concebem e veem seus corpos na dinâmica que envolve saúde-doença. Tudo isso é influenciado por um tipo de cultura docente ainda atrelada à ideia de que o ensino é baseado tão somente na vocação.

O mal-estar docente comporta narrativas da docência e encontra-se vinculado aos desinvestimentos sociais e políticos na educação pública e na carreira docente. Dessa forma, o enfrentamento da problemática demanda mudanças sociais e políticas e suscita a necessidade de os professores exercerem a profissionalidade também numa dimensão que implica preservar e valorizar sua dignidade e seu protagonismo, buscando estratégias que possibilitem a promoção do cuidado, da saúde e do bem-estar profissional – nesse redirecionamento, a formação de professores terá papel fundamental (Penteado; Neto, 2019, p. 151).

Embora o não dito seja difícil de ser analisado, a falta de ações/elaborações exprime a perspectiva política e o que um governo prioriza para o desenvolvimento de um país. No Brasil faltam maiores investimentos na educação em todos os seus níveis e aspectos, mas a educação fundamental situa-se em um espaço inequivocamente silenciado.

Aos docentes, excesso de cobranças, desvio de função e falta de recursos básicos para exercerem suas atividades diárias, além da já destacada baixa remuneração e valorização da profissão no país. Por esses e outros motivos, a mobilização do sindicato em manifestações

grevistas é uma das formas - mas não únicas - de resistência e luta política por melhores condições de trabalho.

Assim na “[...] cultura docente e nos processos de objetivação dos saberes docentes; na organização do trabalho docente e nas relações sociais na instituição educacional; nos espaços de formação, socialização e desenvolvimento profissional; e na discussão da profissionalização” (Penteado; Neto, 2019, p. 151) é onde se encontra possíveis saídas e caminhos para solucionar as problemáticas.

## 2. OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS PARA O TRABALHO DOCENTE

O exercício do magistério, seja na educação pública ou privada, no Ensino Fundamental, médio, técnico e superior, é atravessado por inúmeras demandas a serem cumpridas e barreiras a serem superadas. Nesse sentido, “não se trata apenas de aumento de tempo do trabalho, mas também da ampliação das tarefas a que os professores são chamados a desempenhar, seja pelas mudanças na composição social do público escolar, seja pela implementação de reformas educacionais com visíveis impactos no cotidiano do trabalho em sala de aula” (Lelis, 2012, p. 156).

Dentre os estudos feitos com o objetivo de encontrar explicações para o crescente afunilamento das problemáticas que possuem os docentes no Brasil, que prejudica a qualidade da educação oferecida, a pesquisa de Barbosa (2011) oferece argumentação que coloca o baixo salário recebido por professores como um dos grandes responsáveis na dinâmica de precarização e aumento do trabalho docente, levando os profissionais dessa área a não criarem laços efetivos para se manterem no exercício da atividade, o que contribui para a perda de professores qualificados.

O desânimo em seguir na função, professores que trabalham em várias escolas para receber melhores salários, o que leva a uma alta jornada de trabalho e assoma em docentes afetados na saúde, excesso de trabalho fora das salas de aula, o que interfere e impede um futuro aprimoramento profissional, dentre outros. Dentre as considerações que apresentam as implicações, a autora destaca que:

O trabalho docente tem sofrido processos de precarização e intensificação que têm nos salários um de seus aspectos mais centrais. Foi possível concluir também, por meio da análise, que os salários dos professores brasileiros são, de fato, baixos, principalmente se considerada a comparação com profissões que têm a mesma exigência de formação e a importância da educação e do professor na sociedade (Barbosa, 2011, p. 180).

A relevância que os professores possuem por terem como função ensinar o outro e, sucessivamente, contribuir para a formação e qualificação por si só já elevam a um posto significativo e importante para a sociedade, porém, em via contrária à sua importância os profissionais são desvalorizados, pois recebem baixos salários. Para a melhora da qualidade de ensino e, sobretudo, dentre os aspectos de interesse para alcançar e propiciar a manutenção do bem-estar docente está a valorização dessa classe.

Por conta dos baixos salários, metade dos professores do Ensino Fundamental e do ensino médio trabalham 40 horas ou mais:

[...] por exemplo, a 56% no caso dos professores que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental e 57% dos que atuam no Ensino Médio, indicando que a imagem da docência enquanto profissão de meio período não corresponde totalmente à realidade, pelo menos no caso dos professores citados. Além disso, como apontado no decorrer deste trabalho, muitas das pesquisas analisadas atribuem esse aumento na jornada de trabalho docente aos baixos salários recebidos e à consequente necessidade de obter melhores ganhos por parte dos professores (Barbosa, 2011, p. 183).

Esses números são esclarecedores da falta de valorização dos professores do Ensino Fundamental no Brasil, o que leva boa parte desses profissionais a terem mais de um emprego para tentar obter ganhos financeiros minimamente adequados. É necessário, diante disso, políticas eficazes que visem sanar esse problema, valorizar os professores e contribuir com o bem-estar docente. Gatti *et al.* (2011, p. 137) é bastante incisiva ao destacar que:

[...] a complexidade atual do papel do educador escolar, que implica, não só domínio de conhecimentos disciplinares e metodologias de ensino, mas também compreensões sobre o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das crianças e dos jovens, e compreensão e capacidade de lidar com diferenças.

Nessa linha de pensamento, Cericato (2016, p. 285) destaca que:

É urgente que o poder público elenque a educação como projeto de desenvolvimento nacional, aspecto que se relaciona intimamente ao cuidado com a profissão docente e a formação de seus quadros. É preciso propor ações efetivas que articulem a formação inicial, a valorização da carreira, as condições de trabalho e a remuneração. Estamos diante de complexas questões e seria ingenuidade pensar que possam ser resolvidas facilmente; ainda assim, é necessário que sejam consideradas no contexto de políticas educacionais que contribuam para a atratividade e retenção de bons profissionais para a docência. Ações em prol de uma jornada compatível com as responsabilidades do ofício, com perspectivas de crescimento e desenvolvimento profissional, com elevação do tempo para planejamento, avaliação e preparação do trabalho pedagógico podem ser objetos dessas políticas.

Ao levar em consideração que a educação é um dos principais mecanismos para se alcançar o desenvolvimento de uma nação, a observação feita pela autora é considerável, posto que o Brasil deve priorizar a educação pensando o todo, desde a formação docente, passando pelo reconhecimento da carreira, condições de trabalho adequadas, até o salário-base. As políticas educacionais, diante disso, devem ser pensadas em conjunto com a classe de professores, especialistas, sociedade civil e agentes políticos para realizar movimento que propicie a criação de parâmetros adequados para solucionar essas demandas históricas.

Enquanto Ribeiro (2022, p. 6) argumenta que:

[...] buscar no diálogo as definições da gramática social quanto à valorização e às condições de trabalho e de jornada do trabalhador docente, especialmente entre educadores, governos, gestores e comunidade educacional em geral. Vale ressaltar a importância de, nesse processo de definições, se considerarem a participação dos movimentos sociais para a abertura democrática do país e a capacidade dos atores de transferirem práticas e informações do nível social para o nível administrativo, além do problema da relação entre representação e diversidade cultural e social, em que muitas vezes, em sociedades marcadas pela exclusão, os setores excluídos e mais

vulneráveis não são representados.

Paro (2012) em pesquisa qualitativa acerca da escola no Ensino Fundamental trata do trabalho docente e apresenta análises feitas que incidem sobre a assistência pedagógica, às condições de trabalho e a maneira como o tempo é gerido entre os professores diariamente em suas atividades, priorizando a singularidade do trabalho docente diante de outras profissões, pensamento necessário para efetuar, de fato, um ensino que seja de qualidade para todos os envolvidos.

Nessa reflexão produzida pelo pesquisador este destaca o erro em pensar o trabalho docente e a escola fundamental a partir do raciocínio da administração capitalista, argumenta que até o momento não se viu “alguma experiência no campo educacional que tenha tido êxito com a aplicação aí de ‘remédios’ que são tão eficazes na empresa tipicamente capitalista, sem levar em conta a especificidade da atividade educativa escolar” (Paro, 2012, p. 14).

Em sua análise concluiu que, para amenizar a problemática do trabalho docente no Ensino Fundamental no Brasil, o ideal seria: formação de professores, levando em consideração que ainda reverbera na educação brasileira entre os professores que formam professores; implementação de sistema de comunicação entre secretarias; aperfeiçoamento técnico-pedagógico; avaliação interna. Paro (2012, p. 26) afirma que:

[...] não se pode deixar de instituir uma carreira de magistério, de dedicação exclusiva ao ensino público, com tempos e espaços adequados para educar crianças, planejar e avaliar seu trabalho e participar dos processos de formação. Tudo isso em coerência com a natureza peculiar e relevante do trabalho docente [...].

Essa visão insere uma formação voltada unicamente para a educação das crianças, com capacitação adequada, acrescentando que a dificuldade em estabelecer tal dinâmica de magistério na educação pública por motivos variados, mas, principalmente, pela ingerência pública e as mudanças próprias do mundo político que interferem no decorrer do estabelecimento de uma educação unificada no plano nacional, ainda mais pensando as diferenças regionais brasileiras.

Em mais outro trabalho que sustenta a tese das condições de trabalho docente difíceis no Brasil, Gomes *et al.* (2019) tratou das condições do trabalho docente e a forma complexa que assume a função docente. Apresenta contestações sobre remuneração, carreira, infraestrutura, avaliação, dentre outros, como aspectos que incidem sobre a maneira que o professor se sente no desenrolar de sua função.

As narrativas das docentes entrevistadas na pesquisa mostraram que as condições de trabalho interferem nas relações de ensino e aprendizagem e influenciam a valorização profissional. No contexto em questão, foi destacada a precariedade dessas condições em muitas escolas públicas do município, evidenciada pela

estrutura inadequada e má conservação dos prédios, falta de material didático-pedagógico e ausência de apoio pedagógico ou má gestão escolar. Tais questões revelam que o desempenho do trabalho docente ultrapassa a qualidade da formação do professor, na medida em que as condições de trabalho incidem, diretamente, sobre o exercício da profissão e sobre os próprios professores. (Gomes *et al.*, 2019, p. 292).

Nesse sentido, por melhor que seja a formação do profissional, sempre as condições existentes afetarão o desempenho. De fato, a falta de elementos para realizar uma aula adequada limita a capacidade de um professor qualificado, limitando também o que o alunado poderia vir a adquirir de conhecimento.

A despeito do insuficiente suporte pedagógico por parte das instituições de ensino em contextos sociais populares, impõem-se variadas e complexas exigências sobre o trabalho docente, o que repercute na responsabilização dos(as) professores(as) no que se refere aos resultados da escola e dos alunos em avaliações de desempenho (Gomes *et al.*, 2019, p. 293).

Não deve existir pressão, mas sim divisão adequada das responsabilidades na educação. É todo o processo, do ponto de vista da educação fundamental considera-se: as ações políticas da prefeitura ou governo estadual, secretarias, diretoria das unidades de ensino, evidentemente ações do executivo federal. A responsabilização é de todos, e se os docentes se encontram em situação de mal-estar todos são responsabilizados pelo estado de coisas crítico formado.

Segundo as professoras entrevistadas, as cobranças por resultados e prazos associadas à precariedade das condições de trabalho impõem um sobre-esforço aos docentes, que, com o passar do tempo, pode incidir sobre a sua saúde física e psíquica, comprometendo o vínculo com a profissão. Tais questões levam a concluir que, embora a elaboração das políticas voltadas aos professores no País possa ser considerada uma conquista importante da categoria, ainda é preciso avançar muito na garantia de condições adequadas de trabalho destinadas à valorização docente, as quais devem contemplar políticas ou programas de cuidado da saúde do professor (Gomes *et al.*, p. 293).

Quer dizer, essa visão pensando os grandes centros do Brasil e/ou com maior densidade populacional e desenvolvimento, mas e pensando o contexto da educação na Amazônia? Muitos dos avanços chegaram na região atravessados pelas limitações regionais impostas, diminuindo o impacto positivo que poderiam alcançar. É crucial a implementação de políticas públicas educacionais que promovam o reordenamento do quadro educacional nessa região, respeitando suas especificidades geográficas, culturais e socioeconômicas.

### 3. A EMPIRIA: NARRATIVAS DE PROFESSORES SOBRE O BEM-ESTAR E TRABALHO DOCENTE

Para confecção desta pesquisa, foi realizada entrevista estruturada do tipo narrativa com professores do Ensino Fundamental da rede pública de ensino. A pretensão foi extrair dos docentes relatos sobre a experiência no ambiente educacional, focando nas condições de bem-estar e mal-estar docente.

Os/As professores/as têm 24, 22 e 19 anos de carreira em sala de aula, o que se torna crucial para as respostas buscadas neste estudo, tendo em vista que com esse tempo de ensino, já estiveram diante de várias experiências e suas visões sobre o bem-estar na docência detêm propriedade.

As entrevistas que serão analisadas são as concedidas pela professora Maria, que possui 24 anos de carreira, lecionando em uma escola municipal de Macapá-AP, pela professora Joana, que ministra suas aulas em Chaves, no Pará, e pelo professor João, de Cutias do Araguari-AP. Foram feitas, no total, 15 indagações aos docentes, no entanto, somente os trechos centrais que mobilizem aspectos pertencentes ao bem-estar, mal-estar docente e desafios da profissão serão contemplados neste estudo.

#### 3.1 APRESENTANDO O CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa caracteriza-se por ser qualitativa, conforme Godoy (1995, p. 21) tal perspectiva requer que o pesquisador vá a campo buscar “[...] captar o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno.”

Nesse sentido, a pesquisa de campo realizada seguiu a modalidade de pesquisa narrativa que parte da “compreensão de experiência como histórias vividas e narradas, a pesquisa narrativa se estrutura na intencionalidade de compreender e interpretar as dimensões pessoais e humanas para além de esquemas fechados, recortados e quantificáveis” (Clandinin; Connelly, 2011, p. 1).

Para a coleta de dados, utilizou-se da Entrevista Narrativa junto a 3 (três) Docentes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I, com experiência de 15 a 20 anos em sala de aula nesse segmento educacional. Os professores entrevistados foram o professor **João** (nome fictício), que possui 22 anos de carreira e leciona para o 4º e 5º em uma Escola Municipal localizada em Cutias, Amapá; a professora **Joana**, com 19 anos de experiência, atuante em uma escola no município de Chaves, Pará, que, no momento da entrevista, ainda não sabia para quais turmas

lecionaria devido ao período letivo ainda não ter iniciado; e a professora **Maria**, que tem 24 anos de sala de aula e é docente do 3º ano (manhã e tarde) em Macapá, Amapá.

Durante a pesquisa, os participantes foram identificados com denominações fictícias, da seguinte maneira: Maria (Sujeito 1), Joana (Sujeito 2) e João (Sujeito 3). A opção por colocar os sujeitos da entrevista sob anonimato tem o intuito de garantir que os profissionais não sofram com qualquer tipo de sanções devido às informações dadas durante a entrevista.

As entrevistas com João e Joana foram realizadas juntas, no mesmo local, enquanto a entrevista com Maria ocorreu separadamente em outro ambiente. Antes da realização das entrevistas, foi entregue aos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo que estavam cientes dos objetivos da pesquisa, da utilização de seus relatos e da divulgação de seus nomes no trabalho. Todos os participantes leram e concordaram com os termos, autorizando a inclusão de suas respostas na análise.

Para análise dos dados recorreu-se ao método de Análise Textual Discursiva (ATD), que Moraes e Galiazzi (2006) argumentam que é capaz de criar espaços de reconstrução, com a reunião de vários elementos, especificamente no que tange ao entendimento do significado do objeto estudado.

## 3.2. ANÁLISES DAS NARRATIVAS

### 3.2.1. Categoria 1 emergida da análise do trabalho docente

Em resposta à **Questão 1** a respeito das motivações que a levaram a optar pela carreira docente, **Maria** afirmou o seguinte:

*"Eu acho que não é a palavra **talento**, né, mas eu acho que eu já nasci com isso, sabe? Por exemplo, quando eu era criança, eu brincava de dar aula para minhas bonecas, para minhas amigas. Aí eu acho que já é vocação."* (Maria, 2025, transcrição)

Enquanto **Joana** disse:

*"[...] eu não queria ser professora, era, na verdade, a última das profissões que eu queria ter enquanto eu estava estudando, né? Porém, passei para o ensino médio no magistério, e então a gente precisou fazer estágio e por incrível que pareça [...] fui estagiar em uma sala de educação especial[...] Então isso me chamou muito a atenção e fez mudar meu pensamento"* (Joana, 2025, transcrição)

**João** por outro lado, declarou que:

*"Foi acidente de matrícula, na época do magistério, que só tinha o ensino básico e o magistério era profissionalizante, e como minha tia fazia o magistério ela resolveu me colocar, porém, por mim eu só terminava o ensino médio."* (João, 2025, transcrição)

Para efetuar a análise é pertinente lembrar Jesus (1998) ao contextualizar as alterações

ocorridas no mundo que desencadearam na educação o aumento da demanda de alunos e professores, muitos desses últimos com falta de educação propícia e/ou sem vocação para a área. A professora Maria destacou a sua vocação para educadora desde sua infância, enquanto Joana e João tinham a pretensão por seguir na área educacional, mas por motivos diversos, acabam entrando e seguindo na atividade que conquistou seus corações.

Esses exemplos servem para demonstrar que o trabalho docente é capaz de efetuar alterações inesperadas em quem opta por seguir carreira. Os dois últimos casos são de profissionais formados à época do magistério, em contexto de necessidade de pessoas habilitadas a lecionar, mas que contemporaneamente podem ser limitantes devido a necessidade do aprimoramento na capacitação e formação.

Atualmente, por exemplo, o Governo Federal lançou em janeiro de 2025 o programa “Pé de Meia Licenciaturas”, com a previsão de pagamento mensal de bolsa no valor de R\$ 1.050,00 para novos universitários que ingressarem e obtiveram nota igual ou superior a 650 pontos no Enem, justamente com o intuito de incentivar profissionais da área e aumentar o interesse por seguir carreira (Brasil, 2025).

É uma forma de ação política com vista a promover os profissionais na área por meio do pagamento de bolsa, demonstrando a importância dos docentes para a sociedade, evidentemente dentre tantas outras ações que podem ser mobilizadas para melhorar não somente a formação, mas o fazer pedagógico como um todo.

Em seguida, a **Questão 4** indagou sobre a relação dos professores com a docência ao longo do tempo. As seguintes respostas foram dadas, primeiro por **João**:

<b>Resp. Prof. João</b>	<b>Resp. Prof. Maria</b>
<p><i>“[...] Trabalhei 18 anos, eu era professor, eu era pedagogo, eu era limpador, e era só eu em um cargo para várias funções lá [...]” (João, 2025, transcrição)</i></p>	<p><i>“É uma relação <b>de amor e ódio</b>. [...] Tem os seus altos, tem os seus baixos. A remuneração, ela não condiz com a quantidade de trabalho que a gente tem [...]” (Maria, 2025, transcrição)</i></p>

A docência é atravessada por inúmeros aspectos que acabam condicionando a performance dos profissionais em sala de aula e fora dela. Vários foram os temas que os professores mencionaram: salário, reivindicação, relações interpessoais, estrutura escolar, política, dentre outros.

Por exemplo, a questão salarial abordada pelos docentes entrevistados está entre as principais insatisfações da categoria em geral, conforme apontam os estudos (Paro, 2012;

Rebolo; Bueno, 2014; Barbosa, 2011).

Professora Maria, inclusive, expressou sua adesão aos movimentos grevistas ocorridos entre os profissionais da categoria objetivando melhorias salariais. Esse é um dos aspectos relevantes dentro da ideia de alcançar o bem-estar docente adequado aos professores, mas não somente, a acumulação de funções mencionada pelo professor João em uma escola situada em comunidade interiorana.

Ao dar continuidade, a **Questão 8** indagou os docentes sobre a forma como lidam com o estresse e os desafios da docência, instigando-os a destacar estratégias individuais ou coletivas que ajudam a superar essas problemáticas. Selecionou-se trecho da resposta da professora **Joana**:

*“Eu acredito que só individual mesmo, é cada um por si e Deus por todos, né, a gente não tem [...] convívio, a gente tem uma diretora de escola, a gente tem um secretário lá, mas no dia a dia são só os professores [...] geralmente com a diretora a gente se encontra uma vez no mês [...] então não se tem psicólogo, tem uma coordenadora pedagógica para abranger vinte e poucas escolas da região [...]”* (Joana, 2025, transcrição)

Especificamente a fala da professora Joana é a que traz uma série de apontamentos das dificuldades diárias e da falta de amparo da estrutura escolar em relação aos problemas de saúde dos professores. Uma coordenadora para várias unidades educacionais, falta de psicólogo, diretoria pouco presente, revelam situação delicada no ambiente educacional experienciado pela docente.

Penteado e Neto (2019) na literatura levantada expõe a repetição dessa situação em outros contextos, demonstrando a falta de comprometimento dos poderes públicos e até mesmo da secretaria de educação, para responder de modo adequado a esses acontecimentos que comprometem a saúde psicológica e física dos docentes de escolas públicas pelo país.

Na **Questão 9** que dispõe sobre os desafios na rotina escolar fundamental, os professores afirmaram, em linhas gerais, o seguinte:

<b>Resp. Prof. João</b>	<b>Resp. Prof. Maria</b>	<b>Resp. Prof. Joana</b>
<i>“[...] os pais ali, por exemplo, não têm um acompanhamento, aí quando chega lá reclama porque quer material didático para escola [...]”</i> (João, 2025, transcrição)	<i>“[...] as crianças de hoje não estão muito interessadas em estudar, então acho que esse é o principal desafio, sabe? [...]”</i> (Maria, 2025, transcrição)	<i>“[...] o apoio familiar, lá a gente encontra dificuldades de trazer a família pra escola, a gente sempre faz reunião, a gente sempre busca a participação dos pais no ambiente escolar [...]”</i> (Joana, 2025, transcrição)

Isto é, para uma educação efetiva e que não leve o docente a fadigar a participação da

família da criança no processo de aprendizado, mas como esclarecido pelos três docentes entrevistados, em geral, não é o que acontece. As secretarias municipais de educação em parceria com os governos municipais deveriam buscar maneiras de conscientizar e gerar o maior envolvimento de pais e responsáveis. É melhor para a educação, para os alunos, aumentar a carga de comprometimento, além de contribuir para diminuir a pressão sob o/a professor/a.

Paro (2012) ressalta a assistência pedagógica e a especificidade do trabalho do educador para alcançar a oferta de educação de qualidade, todavia, é necessário construir toda a gama de agentes para o ensino adequado. A família deve participar do processo, caso contrário, todo esforço será perdido.

Por ocasião de sua fala, a professora Maria apontou a existência de um programa que, ao término do ano letivo, as turmas que obtiverem melhores resultados o docente é premiado com troféu e uma pequena quantia em dinheiro, resultando em um maior estímulo. Embora seja uma ação dentre várias possíveis, pode-se dizer que contribui para realizar reconhecimento do profissional de ensino em sua atividade diária.

A **Questão 15** dispôs sobre os maiores desafios da docência na contemporaneidade, segundo a visão dos entrevistados. **Maria:**

*Tu não tens condições de trabalho, questão de material, tu tens os baixos salários, né? Tudo isso. A gente é o profissional que gasta no trabalho. Então, eles deveriam pensar nisso também.* (Maria, 2025, transcrição)

Na visão de **Joana:**

*Eu acho que é o amor, porque eu conheço pessoas que se formaram e estão trabalhando, porém elas trabalham mais por causa do dinheiro, não por amor a profissão [...], por conta disso, quem são prejudicados são as crianças [...]* (Joana, 2025, transcrição)

Enquanto **João**, ao abordar a questão, menciona que:

*“[...] tem uma lei, que eu vi ontem, que diz que o professor tem que ganhar um piso, que tem **salário bem baixo** [...] é uma luta pra gente brigar pelo piso [...] então o desafio já é isso aí, principalmente hoje, que além de ser pouco, ainda vai ter processo seletivo para contrato, o piso é 4 mil 800 e pouco, mas no contrato são 30 horas, vão pagar 3 mil e uma fração, com o desconto fica 2 mil.”* (João, 2025, transcrição)

O apontamento feito por Maria acerca das condições de trabalho por ocasião de falta de recursos materiais e o baixo salário são questões incipientes na literatura. Barbosa (2011), por exemplo, esclarece que o salário, citado pelos três entrevistados, de fato no Brasil a partir do levantamento feito são baixos, ainda mais comparados com outras classes profissionais.

João expôs que apesar do piso salarial estabelecido para os profissionais docentes, para quem está trabalhando no regime de contrato em prefeituras não chega a receber esses valores,

o que demonstra que na prática não são todos os professores contemplados por essa política salarial em vigência.

A observação feita a respeito do salário dos professores levantam questionamentos das motivações para o baixo valor recebido por eles, posto que conforme Gatti *et al* (2011), ao educador é solicitado que este não tenha somente domínio sobre a forma de ensino-aprendizagem que irá repassar ao alunado, mas pede-se que tenha uma visão generalista dos aspectos cognitivos, afetivos e sociais dos alunos.

Requer e designa-se variadas funções e habilidades aos profissionais docentes, porém, não são valorizados e sofrem com interferências políticas que incidem diretamente nos seus ganhos.

Na **Questão** de número **6** sobre o que faz os docentes permanecerem em seu trabalho mesmo diante de tantos desafios em sala de aula, obteve-se o seguinte: **Maria:**

*“Olha, eu não sei fazer outra coisa, eu sou concursada nisso, né? Então, eu não vou dizer que eu não gosto, eu gosto sim, porém eu estou muito **desmotivada**, tem todas essas situações que acontecem com a gente na escola, a gente não tem material e nem apoio, mas foi a área que eu escolhi, é de onde provém o **meu sustento**, o sustento da minha família”.* (Maria, 2025, transcrição)

**João** expressa sua opinião ao dizer que:

*“no meu caso é **trajetória**, e por que a trajetória? Só pelo fato de eu encontrar um aluno meu de infância, que faz mestrado na UNIFAP, eu o encontrei um dia desses, ele foi meu aluno no pré-escolar, ele estava no terceiro período. Só pelo fato de eu encontrar ele aqui fazendo mestrado, para mim, já é um incentivo a mais, significa que muitas outras crianças passaram pelo meu ensino.”* (João, 2025, transcrição)

Por ser concursada, apesar da desmotivação, o desejo de ensinar as crianças e apresentar para elas o conhecimento, a trajetória profissional e a satisfação de ver alunos que deram passos maiores e seguiram carreira na educação, essas são as respostas dos professores entrevistados.

É notório que vários são os motivos para continuar na atividade docente: a necessidade, o hábito/costume; a vocação e a realização e satisfação em ensinar o alunado; a carreira firmada na área e a realização em ver os frutos colhidos. A educação no Brasil é atravessada por dificuldades e limitações históricas, mas os professores resistem a esses processos e buscam de alguma forma no fazer pedagógico, no ato de educar, tentar buscar e alcançar melhorias que alterem o estado de coisas.

Sobre a satisfação, lembra-se de Rebolo e Bueno (2014) que tratam da satisfação no trabalho e estratégias que criam e conseguem alcançar a manutenção do bem-estar docente, apontando que é possível, sim, chegar à felicidade no trabalho. Muito embora vários problemas persistam.

A **Questão 3** tratou de coletar junto aos profissionais de ensino os momentos que eles consideram mais relevantes em suas respectivas trajetórias profissionais.

Resp. Prof. Maria	Resp. Prof. Joana
<p><i>“Olha, eu acho assim que a única coisa que faz mesmo a gente seguir em frente é quando tu vês que a tua criança aprende, sabe? Isso te estimula, e incentiva, é algo bom, né? Porque tu vês que teu trabalho ali tá fazendo efeito. Por exemplo, eu tenho alunos que hoje já são formados e eles falam, ‘professora, eu já tive muitos professores, mas eu nunca tive uma professora igual a senhora’”. (Maria, 2025, transcrição)</i></p>	<p><i>“[...] eu acho assim, que é a todo momento, principalmente quando você vê um aluno que passou pela sua mão se formar, entrar em uma universidade, eu já vi isso [...]” (Joana, 2025, transcrição)</i></p>

A própria ação de ofício **Ensinar** já é um aspecto crucial na argumentação dos docentes entrevistados nesta pesquisa. Por si só o estímulo em ver as crianças aprenderem, seguirem o processo e se desenvolverem nos demais níveis de ensino até a universidade, levam a uma realização e satisfação pessoal importante para gerar o bem-estar docente.

O dia a dia em sala de aula, os avanços, ver o aluno conhecendo o mundo por meio do conhecimento causa uma memória afetiva sem igual para os profissionais. A promoção de ações e políticas que garantam essa manutenção deve ser preconizada pelos governos, secretarias, sindicatos, o que gera em último caso o desenvolvimento educacional generalizado.

Realizado o primeiro movimento de entender as raízes das motivações para escolha em fazer o trabalho docente e os desafios encontrados nos ambientes educacionais onde ministram disciplinas da escola de Ensino Fundamental, o momento se reserva para tratar sobre o bem-estar e mal-estar docente.

### 3.2.2 Categoria 2 emergida do bem-estar e mal-estar docente

Na **Questão 5** a pergunta foi introdutória, isto é, questionou-se o que eles entendem por bem-estar e de maneira relacionam com as atividades pedagógicas. **Maria:**

*“Olha, pra te falar a verdade, eu vou protelando, sabe? Até um conselho que eu dou pra vocês que vão começar, eu vou protelando, pra eu não faltar no trabalho, eu deixo a minha saúde de lado [...]” (Maria, 2025, transcrição)*

**Joana** acredita que:

*“O Bem-estar seria você estar de bem, se sentir bem para ministrar uma aula principalmente com crianças, né? Você está ali de coração, de mente aberta pra passar o conhecimento pra eles, de modo que eles possam assimilar de uma maneira gostosa, de uma maneira descontraída, sem aquela cobrança de estar em uma sala de aula apenas para aprender”. (Joana, 2025, transcrição)*

Enquanto **João** apontou:

*“Para chegar ao bem-estar eu tenho que estar bem primeiramente comigo mesmo, antes de ir pra uma sala de aula a gente tem que estar bem, muitas vezes o professor vai para uma sala de aula e ele não tá bem fisicamente, psicologicamente, muitas vezes carregado de cobranças do dia a dia, e ele não consegue relaxar dentro de uma sala de aula [...]”* (João, 2025, transcrição)

A fala proferida pela docente revela aspectos distintos de escancarar os limites que o profissional da educação pode obter para manter-se em atividade, deixando de lado a saúde física e emocional para cumprir com sua função. A professora Maria em sua fala indica formas de manter-se na ativa em que abdica do seu pessoal, mas não deve ser normalizado esse comportamento.

Joana ressalta que o bem-estar docente, antes de tudo, o professor deve estar bem consigo mesmo para poder lecionar e gerar esse impacto positivo em sala de aula. Em consonância, João compartilha da mesma perspectiva, posto que qualquer limitação física ou psíquica pode acarretar desvios do trabalho docente.

É relevante lembrar Jesus (2007) que contribui ao debate destacando que a motivação e a realização do professor é uma característica central do bem-estar docente, possuindo competência e estratégias municiadas com o intuito de completar o que é solicitado a cumprir e ultrapassar barreiras que dificultam o desenvolvimento profissional

Sucessivamente, indagou-se os docentes sobre os mecanismos utilizados por eles e/ou práticos/hábitos para garantir o bem-estar na sala de aula. **Maria:**

*“Olha, eu não adoto nenhuma prática. Eu só fico na minha sala com as minhas crianças. Na escola é só isso mesmo.”* (Maria, 2025, transcrição)

Já **Joana**, em sua fala ressaltou que:

*“música, histórias, é, história que eles contam, que a gente sempre faz, tenta fazer assim uma distração em sala de aula, uma vez na semana, quando eu vejo que o ambiente está saturado de tá sentado, só praticando leitura [...]”* (Joana, 2025, transcrição)

A fala da professora Maria expõe a perspectiva de uma docente saturada pelas dificuldades e que não possui mais saídas para melhorar o quadro que se encontra, mesmo assim mantêm-se em atividade e faz o que é necessário e o que pode. Joana, por outro lado, para gerar distração em si e nos alunos e promover uma didática de ensino, diga-se, mais criativa organiza formas distintas de educar e assim, de certa forma, se realizar.

Diante disso, Joana promove o bem-estar para ela enquanto docente coletivamente na sua prática de ensino com alunos do fundamental, por outro lado João parte de uma perspectiva mais individualista para garantir, até certo ponto, a manutenção do seu bem-estar, embora

ressalte que as dificuldades sempre afetem. A atenção dos governos às políticas educacionais efetivas é necessária, sempre contextualizando com as particularidades da educação na Amazônia.

Conforme Penteadó e Neto (2019), ao tratar do mal-estar docente, destacam o sofrimento e o acometimento por doenças entre docentes, apontando a necessidade de pensar corpo, saúde e bem-estar em consonância. Pensar dessa maneira é construir procedimentos eficazes com vista a considerar a situação docente e mitigar problemáticas.

Em continuidade, a **Questão 11** tratou de acontecimentos que interferiram significativamente no bem-estar da escola e se houve algum tipo de suporte institucional.

**Resp. Prof. Maria**

*Sim, já houve um acontecimento. Foi há alguns anos, com um aluno da Educação Especial que apresentava comportamentos agressivos. No primeiro ano, ele já havia apresentado condutas violentas, a ponto de ter sido flagrado tentando dar um mata-leão em um colega durante o intervalo. E gerou um grande conflito com a professora responsável, que acabou pedindo transferência da escola. No ano seguinte, ele passou a ser meu aluno. Aceitei recebe-lo mesmo sem cuidador, com a promessa de que chegaria na semana seguinte, o que nunca aconteceu até o fim do ano letivo. Em uma das atividades que organizei, uma caça ao tesouro, ele acabou agredindo fisicamente outras crianças, sem motivo aparente. Infelizmente, não houve nenhum tipo de suporte institucional diante da situação. Isso me gerou uma certa insegurança [...]” (Maria, 2025, transcrição)*

Jesus (1998) aponta as exigências exageradas feitas aos professores a partir da democratização do ensino, ao mesmo tempo que a oferta de recursos materiais não acompanhou a demanda que o contexto solicitou. O caso narrado pela professora é mais um resultado do processo que leva ao sofrimento de professores no exercício de sua profissão.

A fala demonstra vários problemas da escola: a falta de um profissional qualificado para acompanhar os alunos com deficiência, a sobrecarga no trabalho da professora Maria e o acúmulo de funções, a pressão e cobranças, resultando em estresse e mal-estar docente. Para piorar, a falta de apoio institucional tende a jogar todo o problema para o docente resolver, aprofundando seu estresse e podendo levar a desgaste emocional maior, afastamento do trabalho, dentre outros.

A estrutura organizacional escolar, a secretaria de educação, prefeitura, pensamento a educação fundamental, que deveria basicamente manter um estado de coisas satisfatório e adequado para o trabalho docente contribuem, inversamente, para desarranjo dos profissionais. Não são somente os professores afetados dentro desse processo, mas o alunado, que recebe a

educação de profissionais com mal-estar, desmotivados, desvalorizados, pressionados, com baixa remuneração.

Além disso, o convívio diário com os alunos, o relacionamento entre colegas de profissão, a relação com os pais e/ou responsáveis só desabilita e aprofunda o modelo atual da educação no Brasil. Em geral, fala-se muito em desenvolvimento econômico/crescimento econômico no país, mas para isso o abstrato ente do mercado não deve nem pode ser somente focalizado pelos governos, é a educação que irá, de fato, mudar os caminhos do país e de seus cidadãos.

O professor **João** disse que:

*“A gente não tem tempo de ir ao médico, normalmente a gente não tem tempo, quando você não tá na escola, você tá planejando aula, e então vice-versa, o professor não tem esse tempo para ir ao médico [...] quem deveria oferecer esse apoio, é o nosso governante, psicólogo [...]”*. (João, 2025, transcrição)

Franco, Murgo e Filho (2022) expõe os descritores relacionados ao mal-estar docente, tal como salário baixo, **sobrecarga no trabalho, falta de materiais e infraestrutura adequada**, corroborando para os abalos emocionais e doenças psicológicas, conforme exposto por Maria e João.

O acúmulo de funções, leia-se como quiser, ressalta que os professores são pressionados e levados até o limite de seus corpos. É necessário em uma escola ter profissionais capacitados para atender as especificidades do alunado, posto que existem alunos com necessidades especiais.

Para piorar o quadro posto, a falta de acesso a uma rede que ouça e atenda os professores em situação de estresse emocional, pressão e acúmulo de funções, resulta em desrespeito aos profissionais.

Na **Questão 12** indagados sobre o que melhoraria o bem-estar na escola disseram, começando pela professora **Maria** que:

*“Ah, eu acho que não tem nada assim que possa ser feito. Só de mandar material para a gente trabalhar direitinho na sala já era de grande ajuda, sabe? Porque querendo ou não, isso tira muito tempo [...]”* (Maria, 2025, transcrição)

Em sua fala **Joana** enfatizou:

*“Complicado isso, eu acho que o poder público poderia **levar um psicólogo para conversar com os professores**, ou fazer uma reunião e, poxa, bora conversar para saber o que tá acontecendo, se tem algum problema, o que a gente pode fazer para tentar resolver, para que se torne melhor o ambiente de trabalho, né, então são políticas que deveriam ser feitas e que na realidade não são ouvidas [...]”*. (Joana, 2025, transcrição)

Poli, Poli e Marques (2023) ressaltam em pesquisa recente que acontecimentos e/ou fatores externos ao ambiente educacional e internos ao contexto escolar interferem e acarretam perspectivas negativas em relação a melhorar o bem-estar. A falta de soluções, como dito por Maria, e soluções políticas indicadas por Joana podem ser uma luz no fim do túnel.

Os congressos, a reunião do sindicato de professores e a adesão a movimentos grevistas têm, necessariamente, de pensar a questão do bem-estar e mal-estar docente. Somente desse modo pode se chegar à construção de ideias embasadas nos problemas diários presentes no fazer pedagógico.

Sobre o suporte institucional e as políticas voltadas para promover o bem-estar dos docentes perguntados na **Questão 14**, os professores afirmaram massivamente que esse apoio é inexistente.

<b>Resp. Prof. Maria</b>	<b>Resp. Prof. Joana</b>
<p><i>“Não existe, não tem nenhum. O que a coordenadora me falou é que, pelo que ela soube é que cada escola deveria ter um psicólogo para os profissionais, para atender as crianças, mas nunca teve. Acho que vai ser difícil ter.”</i> (Maria, 2025, transcrição)</p>	<p><i>“Como é que a gente vai avaliar uma coisa que a gente não tem? Quando eu comecei a trabalhar em 2006, era eu e mais outra professora, a gente fazia papel de tudo, a gente tinha que fazer merenda e ao mesmo tempo tinha que tá ministrando aula numa turma de 40/50 alunos (...)”</i> (Joana, 2025, transcrição)</p>

Maria revelou que a coordenação pedagógica observa a necessidade de amparo de profissionais da área da Psicologia, no entanto, não é o que a escola oferece. Joana além de falar que esse apoio na escola em que ela ministra aulas não existe, destacou o seu início na jornada escolar marcado por acúmulo de outras funções que a levavam a exaustão.

Na perspectiva de alcançar transformações, conforme Ribeiro (2022), o diálogo deve ser buscado para constituir a valorização e oferecer melhores condições, principalmente entre os governos, especialistas e os professores em classe. Assim, os movimentos sociais integrados, quem sabe, alcançarão mudança significativa.

A **Questão 7** perguntou sobre as práticas, hábitos ou estratégias adotadas pelos entrevistados para garantir a manutenção do bem-estar no ambiente educacional. **Maria:**

*“Olha, eu não adotei nenhuma prática. Eu só fico na minha sala com as minhas crianças. Na escola é só isso mesmo. Só fico na minha sala com as minhas crianças, fazendo meu trabalho, tentando fazer o melhor que eu posso.”* (Maria, 2025, transcrição)

Em sua fala, **Joana** aponta:

*“música, histórias, são história que eles contam, que a gente sempre faz, tenta fazer assim uma distração em sala de aula, uma vez na semana, quando eu vejo que o ambiente está saturado de estar sentado [...]”* (Joana, 2025, transcrição)

Enquanto **João**:

*“No meu caso, a minha estratégia é pensar o seguinte, que amanhã será melhor, hoje pode tá ruim, mas amanhã vai ser melhor.”* (João, 2025, transcrição)

As visões e práticas distinguem-se de pessoa para pessoa, assim como entre os profissionais no mundo do trabalho. No caso dos professores do Ensino Fundamental do Amapá e Pará selecionados para o estudo existe também essa variação. Maria, por exemplo, não elencou nenhuma prática para garantir o bem-estar.

Por outro lado, Joana utiliza de práticas lúdicas para cativar os seus alunos, o que contribui para a atenção e ensino e estimula a própria docente ao conseguir encontrar caminho que incida de maneira positiva na educação. A positividade do professor João, o filtro imposto por ele para barrar adversidades e manter em sintonia com sua atividade e garantir o seu bem-estar são aspectos colhidos na análise e interpretação desses resultados.

Em continuidade, as respostas da **Questão 13** serão analisadas aqui, está que das mudanças possíveis na estrutura e no funcionamento escolar para tornar o trabalho docente mais saudável e satisfatório. **Maria** afirmou:

*Olha, aqui na escola, a questão estrutural, a gente precisa de cadeiras novas, precisa de um telhado novo para a escola [...].* (Maria, 2025, transcrição)

**Joana**, por sua vez, considera que:

*“Se eu for te falar a situação da minha sala de aula como eu posso dizer, eu não tenho uma sala de aula. Eu a dois anos estou trabalhando, vamos supor, dentro de um espaço que foi alugado, que era um centro evangélico, então, é assim, não tem portas, não tem janelas, só é o salão mesmo [...].* (Joana, 2025, transcrição)

Desse modo, a questão estrutural do ambiente educacional se apresenta como um dos fatores constituintes do mal-estar do trabalho docente, como ressaltado pelos autores (Paro, 2012; Cericato, 2016; Reboló e Bueno, 2014; Barbosa, 2011); O ambiente em que se situam essas escolas, isto é, o ambiente rural amazônico em comunidades pobres e que carecem de atenção pública mínima, dificultam a existência do bem-estar docente.

Joana, por exemplo, sequer tem um espaço de sala de aula para ministrar suas aulas, escancarando a situação delicada e crítica da educação oferecida no ambiente em que trabalhara. Apesar da clara limitação, ainda buscou estratégias para ensinar o alunado a implementar filmes para assistirem.

A última **Questão** analisada nesta pesquisa é a de número **10** que solicitou aos entrevistados sobre as suas visões sobre o impacto no âmbito da prática pedagógica dos últimos anos de acontecimentos no mundo político, econômico, social e cultural que movimentaram o Brasil.

<b>Resp. Prof. João</b>	<b>Resp. Prof. Maria</b>	<b>Resp. Prof. Joana</b>
<p>“Na verdade, houve uma <b>ruptura</b> nessa linha, terminou esse processo em que eles foram acelerados, por exemplo, com atividade remota, atividade online, tudo isso se tornou uma ruptura, não era pra ser naquele momento ali, ainda não estava preparado, e logo após foi a BNCC também, que entrou, então até hoje muitos professores têm um pouco de dificuldade de lidar com ela.” (João, 2025, transcrição)</p>	<p>“Ah, a gente muda muita coisa. Por exemplo, eu uso o projetor que eu comprei com o meu próprio dinheiro, porque a escola, vocês sabem, não dá. Aí o que é que eu faço? O material do educa Macapá é muito bom, só que ele não vem. Mas o que eu faço? Eu tiro a cópia para os meus alunos. Eu comprei também a minha própria impressora [...]” (Maria, 2025, transcrição)</p>	<p>“(…) a gente tá vendo que as crianças, elas foram <b>empurradas de uma série para a outra</b>, sem saber nada, foram dois anos, se não me engano, empurradas automaticamente, então hoje a gente vê que as crianças têm muita dificuldade, principalmente na leitura”. (Joana, 2025, transcrição)</p>

Ao levar em consideração o baixo salário recebido por esses professores que atuam nas redes municipais e estaduais de ensino da região, o fato de ter que tirar dinheiro do próprio bolso para adquirir recursos que deveriam ser oferecidos pelas unidades educacionais demonstram o status sensível que se encontra a educação nas escolas situadas nos interiores.

A fala expressa por Joana das dificuldades em lecionar aulas na pandemia em condições de difícil acesso somam-se às mazelas da educação no país. O aluno, em geral, como ela mesmo destacou, foram no geral “empurrados” de um ano para outro sem, necessariamente, terem realizado e cumprido todo o processo necessário para se educar na série em que estava.

Contexto delicados como a pandemia afunilam os problemas em todas as áreas da sociedade, a educação é mais uma das áreas afetadas. Por tal motivo, mas não somente, são necessários mecanismos adequados para lidar e que se cumpra, de fato, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, consolidada em lei, mas na prática limitada e pouco efetiva, apesar dos avanços alcançados ao longo das últimas décadas.

Além disso, a professora **Joana** destaca:

*“Eu tinha essa perspectiva antigamente, trabalhar, trabalhar e trabalhar. Hoje não, eu comecei a pensar assim, **a gente precisa pensar na gente também**, descansar durante o final de semana [...] lá no interior os pais*

*pensam que a gente trabalha de segunda a segunda, e geralmente querem procurar a gente no sábado e no domingo [...]” (Joana, 2025, transcrição)*

Seguindo essa perspectiva, **João** relata:

*“na questão do bem-estar, eu vejo o seguinte, muitos de nós professores, temos a saúde financeira abalada [...] preocupado com a escola, preocupado com dívidas [...]” (João, 2025, transcrição)*

É notório que vários são os motivos para continuar na atividade docente: a necessidade, o hábito/costume; a vocação e a realização e satisfação em ensinar o alunado; a carreira firmada na área e a realização em ver os frutos colhidos. A educação no Brasil é atravessada por dificuldades e limitações históricas, mas os professores resistem a esses processos e buscam de alguma forma no fazer pedagógico, no ato de educar, tentar buscar e alcançar melhorias que alterem o estado de coisas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar narrativas de professores a partir da perspectiva de perceber o bem-estar ou mal-estar docente no exercício do fazer pedagógico do trabalho docente, por isso indagou: Como se constitui a condição de bem-estar no trabalho docente em narrativas de professores que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental? Nesse sentido, o trabalho docente destaca-se por ser essencial para o desenvolvimento da sociedade em vários aspectos. A atividade possibilita cruzar fronteiras inimagináveis. O mundo de coisas possibilitado pela educação condiciona o desenvolvimento não somente dos saberes científicos, mas éticos e morais, os aspectos sociais, econômicos e culturais. O profissional que se dedica ao fazer pedagógico é figura notável, mas tem diante do desígnio de sua função desafios enormes, principalmente pensando no contexto brasileiro.

Pela ótica do bem-estar docente o professor se sente satisfeito no desenvolvimento de sua profissão conforme é motivado e se sente realizado, alcançando êxito ao cumprir suas funções e superar dificuldades. Assim, não somente o professor, mas o aluno obtém benefício e a educação como um todo se beneficia. A mutualidade, a coletividade, as condições estruturais são elementos que devem existir para que se alcance o bem-estar docente. A educação deve ser construída e compartilhada sempre no plural, considerando todas as questões que perpassam o bem-estar docente, tal como a resolução de conflitos postos.

Ao mesmo tempo, o mal-estar docente é exacerbado no caso brasileiro devido à desvalorização, baixa remuneração, cultura organizacional e cultura escolar, conflitos internos, alunado que pouco se interessa, falta de apoio da escola, falta de profissionais para ajudar os docentes, como psicólogos, pouco incentivo, formação limitada, estrutura escolar, falta de recursos e materiais, políticas públicas ineficazes ou inexistentes, dentre outros.

Os levantamentos são esclarecedores da falta de valorização dos professores do Ensino Fundamental no Brasil, o que leva boa parte desses profissionais a terem mais de um emprego para tentar obter ganhos financeiros minimamente adequados. É necessário, diante disso, políticas eficazes que visem sanar esse problema, valorizar os professores e contribuir com o bem-estar docente.

Ao levar em consideração que a educação é um dos principais mecanismos para se alcançar o desenvolvimento de uma nação, a observação é considerável, posto que o Brasil deve priorizar a educação pensando o todo, desde a formação docente, passando pelo reconhecimento da carreira, condições de trabalho adequadas, até o salário-base. As políticas educacionais, diante disso, devem ser pensadas em conjunto com a classe de professores, especialistas, sociedade civil e agentes políticos para realizar movimento que propicie a criação de parâmetros

adequados para solucionar essas demandas históricas.

Ao pensar na educação da região em que vivem, onde se deparam com diversos desafios, limitações e problemáticas históricas, as condições do trabalho docente se aprimoram. Os profissionais docentes entrevistados possuem anos de experiência em sala de aula e já passaram por situações adversas e momentos significativos que influenciaram positivamente o fazer pedagógico.

Sobretudo, é necessário oferecer o mínimo para efetuar educação adequada. Além de muitas das vezes não ter o mínimo, o profissional docente que sofre com o mal-estar e a ausência do bem-estar docente, sendo eles os que ministram e ensinam o conhecimento para o alunado, contribuem negativamente para o desenvolvimento educacional.

Os resultados obtidos na entrevista com os três professores apontam para dificuldades aprofundadas e um bem-estar docente quase inexistente no contexto da educação escolar do Ensino Fundamental. As carências relatadas pelos educadores revelam uma estrutura organizacional que desvaloriza os profissionais da educação, sem oferecer apoio à saúde nem uma infraestrutura escolar minimamente adequada. Esses fatores contribuem para o agravamento das condições da profissão docente e, conseqüentemente, para a fragilização da oferta de uma educação de qualidade apesar da resistência e dedicação dos professores diante dos desafios enfrentados.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Andreza. **Os salários dos professores brasileiros: implicações para o trabalho docente**. 2011. 208 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2011.
- BRASIL. **Pé-de-Meia Licenciaturas**. Brasília: MEC, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/mais-professores/pe-de-meia-licenciaturas>. Acesso em: 15 mar. 2025.
- CERICATO, I. L. A profissão docente em análise no Brasil: uma revisão bibliográfica. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.** [Internet], v. 97, n. 246, p. 273–289, maio 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2176-6681/373714647>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- FERRONATTO, E. T. T.; SANTOS, H. T. dos. Bem-estar e o mal-estar docente: sentimentos e emoções de professores que atuam na Educação Infantil e Ensino Fundamental em tempos de pandemia. **Devir Educação**, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.30905/rde.v0i0.420>. Acesso em: 11 mar. 2025.
- FRANCO, A. F.; MURGO, C. S.; COSTA FILHO, J. O. Implicações do contexto de trabalho no bem-estar docente: uma revisão de escopo. **Rev. Psicol.: Organ. Trab.**, v. 22, n. 4, p. 2194-2202, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/rpot/2022.4.23407>. Acesso em: 18 mar. 2025.
- GATTI, Bernadete Angelina et al. **Políticas docentes no Brasil: um estado da arte**. Brasília: UNESCO, 2011.
- GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Rev. Adm. Empres.**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995.
- GOMES, Valdete A. F. M.; NUNES, Célia M. F.; PÁDUA, Karla C. Condições de trabalho e valorização docente: um diálogo com professoras do ensino fundamental I. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 100, n. 255, p. 277-296, maio/ago. 2019.
- JESUS, Saul Neves de. **Professor sem stress: realização profissional e bem-estar docente**. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- JESUS, S. N. **Bem-estar dos professores: estratégias para realização e desenvolvimento profissional**. Porto: Porto Codex, 1998.
- LELIS, I. O trabalho docente na escola de massa: desafios e perspectivas. **Sociologias** [Internet], v. 14, n. 29, p. 152–174, jan. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222012000100007>. Acesso em: 11 fev. 2025.
- MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.
- PARO, V. H. **Reprovação escolar: renúncia à educação**. 2. ed. São Paulo: Xamã, 2003.
- PARO, V. H. Trabalho docente na escola fundamental: questões candentes. **Cad. Pesqui.**, v. 42, n. 146, p. 586-611, maio/ago. 2012.
- PENTEADO, Regina Z.; NETO, Samuel S. Mal-estar, sofrimento e adoecimento do

professor: de narrativas do trabalho e da cultura docente à docência como profissão. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 135-153, 2019.

POLI, Giovana Boicko; POLI, Odilon Luiz; MARQUES, Circe Mara. Docência no século XXI: aspectos pessoais e sociais na construção do bem-estar docente. **Roteiro**, Joaçaba, v. 48, e32590, jan./dez. 2023. E-ISSN 2177-605.

REBOLO, Flavinês; BUENO, Belmira Oliveira. O bem-estar docente: limites e possibilidades para a felicidade do professor no trabalho. **Acta Scientiarum Education**, Maringá, v. 36, n. 2, p. 323-331, jul./dez. 2014.

RIBEIRO, Cangussú Maria Josete. Jornada de trabalho docente e os desafios da valorização profissional. **Rev. Fac. Educ.**, v. 37, n. 1, jan./jul. 2022.

ZACHARIAS, Jamile et al. Saúde e educação: do mal-estar ao bem-estar docente. **Rev. Educ. Escr.**, PUCRS, v. 2, n. 1, jun. 2011.

## APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA

Com a pretensão de obter informações e dados para a produção do TCC que tem como tema **“As Condições De Trabalho em Narrativas de Professores dos Anos Iniciais: Refletindo Sobre o Bem-Estar e as Influência no Fazer Pedagógico”**, solicita-se sua atenção e colaboração para responder às seguintes perguntas:

### 1. Reflexão sobre sua trajetória na docência

- a) Por que você decidiu se tornar professor/a?
- b) Quais foram os momentos mais significativos da sua trajetória profissional?
- c) Como você descreveria sua relação com a docência ao longo dos anos?

### 2. Autopercepção sobre o bem-estar docente

- a) O que você entende por bem-estar e como você correlaciona este entendimento com as atividades pedagógicas que você desenvolve na escola?
- b) Você sente que atualmente vive um estado de bem-estar na sua profissão?
- c) O que te motiva a permanecer na docência, mesmo diante dos desafios?

### 3. Estratégias para manter o bem-estar

- a) Que práticas, hábitos ou estratégias você adota para preservar seu bem-estar no ambiente escolar?
- b) Como você lida com o estresse e os desafios da docência? Existem estratégias individuais e/ou coletivas que te ajudam nesse processo?

### 4. Desafios e obstáculos

- a) Quais são os principais desafios que você enfrenta na sua rotina como professor/a dos Anos Iniciais?
- b) De que maneira nos últimos anos houve um impacto na sua prática pedagógica?
- c) Você já vivenciou situações que comprometeram significativamente seu bem-estar na escola? Como lidou com elas e houve algum tipo de suporte (institucional ou pessoal)?

### 5. Melhorias e perspectivas para o bem-estar docente

- a) O que poderia ser feito para melhorar seu bem-estar no ambiente escolar?
- b) Quais mudanças na estrutura e no funcionamento da escola poderiam contribuir para um ambiente de trabalho mais saudável e satisfatório?
- c) Como você avalia o suporte institucional e as políticas educacionais voltadas para a promoção do bem-estar docente?

### 6. Reflexões sobre a identidade e a prática docente

- a) Quais são, em sua opinião, os maiores desafios da docência na contemporaneidade?

## APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ UNIFAP  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA  
CAMPUS MARCO ZERO**

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: Perspectivas para o Bem-Estar Docente: narrativas de professores dos anos iniciais em escolas de Macapá-AP

Pesquisadoras:

- Ingridy Aragão Alves
- Sarah Raquel Martins de Almeida
- Thaís Furtado Vaz

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Diana Regina Alves

Você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa acadêmica, que faz parte do nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Pedagogia na UNIFAP. Antes de decidir se deseja participar, é importante que leia atentamente este termo, que esclarece os objetivos, procedimentos, benefícios e sua participação na pesquisa.

Esta pesquisa busca analisar as narrativas de professores sobre o bem-estar docente no contexto da escola básica, identificando fatores que contribuem para essa condição e estratégias utilizadas para promovê-la.

Se aceitar participar, você será convidado (a) a uma entrevista narrativa, que será gravada em áudio para fins de transcrição e análise. A entrevista terá duração do tempo necessário para obtermos as informações para a pesquisa e abordará sua trajetória na docência, suas percepções sobre o bem-estar docente e os desafios enfrentados.

Todas as informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para esta pesquisa e tratadas com sigilo. Seu nome real será divulgado ou sendo substituído por um pseudônimo/código. As gravações serão armazenadas em ambiente seguro e descartadas após a finalização do estudo.

A participação é voluntária, e você pode desistir a qualquer momento, sem

necessidade de justificativa e sem qualquer prejuízo.

Ao assinar este termo, você concorda com a gravação da entrevista para transcrição e análise dos dados.

( ) Autorizo a gravação da entrevista para os fins descritos acima.

Declaro que li e compreendi as informações contidas neste termo e concordo, de forma voluntária, em participar da pesquisa.

Nome do (a) Participante: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_/\_\_/\_\_

Nome das Pesquisadoras:

1º \_\_\_\_\_

2º \_\_\_\_\_

3º \_\_\_\_\_

Assinaturas:

1º \_\_\_\_\_

2º \_\_\_\_\_

3º \_\_\_\_\_